

TONI MORRISON

Compaixão

Tradução

José Rubens Siqueira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Toni Morrison

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

A mercy

Capa

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

Foto de capa

Marcus Lyon at The Glassworks

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Valquíria Della Pozza

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morrison, Toni

Compaixão / Toni Morrison ; tradução José Rubens Siqueira.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : A mercy
ISBN 978-85-359-1506-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

09-06424

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : literatura norte-americana 813

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Para R. G.
Pelas décadas de inteligência, insights e intelecto,
obrigada.*

Não tenha medo. Eu contar não vai te ferir, apesar do que eu fiz, e prometo ficar deitada quieta no escuro — chorando talvez ou de vez em quando vendo o sangue de novo — mas nunca mais vou desdobrar meus membros para levantar e mostrar os dentes. Explico. Você pode achar que o que eu conto é uma confissão, se quiser, mas uma confissão cheia de curiosidade só conhecida em sonhos e durante aqueles momentos em que o perfil de um cachorro brinca no vapor da chaleira. Ou quando uma boneca de sabugo na prateleira logo está largada num canto da sala e a maldade de como ela foi parar lá é evidente. Coisas estranhas acontecem o tempo todo em toda parte. Você sabe. Eu sei que você sabe. Uma pergunta é quem é responsável? Outra é você sabe ler? Se a fêmea do pavão se recusa a chocar, eu leio isso depressa e, claro, essa noite vejo a minha mãe parada de mãos dadas com o filhinho dela, meus sapatos enchendo o bolso do avental dela. Outros sinais precisam de mais tempo para entender. Sempre tem sinais demais, ou um presságio brilhante se turva depressa demais. Eu analiso e tento me lembrar, mas sei

que estou perdendo muita coisa, como não ler a cobra de jardim se esgueirando até a soleira da porta para morrer. Deixe eu começar pelo que sei de certo.

O começo começa com os sapatos. Quando criança eu não consigo nunca ficar descalça e sempre imploro por sapatos, sapatos de qualquer um, mesmo nos dias mais quentes. Minha mãe, *a minha mãe*,* franze a testa, fica brava com o que ela chama de minha boniteza. Só mulher ruim usa salto alto. Eu sou perigosa, ela diz, e rebelde, mas ela cede e me deixa usar os sapatos velhos da casa da *Senhora*, de bico fino, um salto alto quebrado, o outro gasto e uma fivela em cima. O resultado disso, Lina diz, é que meus pés são inúteis, vão ser sempre macios demais para a vida e nunca vão ter as solas fortes, mais grossas que couro, que a vida exige. Lina está certa. Florens, ela diz, estamos em 1690. Quem é que hoje em dia tem mãos de escrava e pés de dama portuguesa? Então quando parto para encontrar você, ela e a Patroa me dão as botas do Patrão, que servem para um homem não para uma moça. Enchem com feno e palha de milho com óleo, me mandam esconder a carta dentro da meia — mesmo que a cera de selo pinique. Sou alfabetizada, mas não leio o que a Patroa escreve e Lina e Sorrow não sabem. Mas eu sei o que diz para repetir a qualquer um que me pare.

Minha cabeça está leve com a confusão de duas coisas, a fome de você e o medo se eu me perder. Nada me assusta mais do que essa tarefa e nada é mais tentação. Desde o dia que você desaparece eu sonho e tramo. Descobrir onde você está e como chegar lá. Quero correr pela trilha no meio das faias e dos pinheiros brancos, mas me pergunto por onde? Quem vai me dizer?

* Em português no original. Escrava de senhores portugueses, ela usa expressões nessa língua que se diluem na tradução. As ocorrências desse tipo, *a minha mãe*, *Mãe*, *Senhor*, *Senhora*, foram grafadas em itálico. (N. T.)

Quem vive no sertão entre esta fazenda e você e quem vai me ajudar ou me fazer mal? E os ursos sem ossos do vale? Lembra? Como eles faziam o pelame se mexer como se não tivesse nada embaixo? O cheiro deles contrastando com a beleza, os olhos deles reconhecendo a gente de quando a gente era fera também. Você dizendo para mim por isso é que é fatal olhar nos olhos deles. Eles vão chegar perto, correr para nós para amar e brincar o que nós vamos entender errado e devolver medo e raiva. Aves gigantes também estão aninhando lá fora maiores que vacas, Lina diz, e nem todos os nativos são como ela, ela diz, então cuidado. Uma selvagem que reza, os vizinhos dizem dela, porque ela é de ir à igreja, mas ao mesmo tempo toma banho todo dia e os cristãos nunca tomam. Por baixo ela usa contas azuis brilhantes e dança em segredo com a primeira luz quando a lua está pequena. Mais que dos ursos amorosos e das aves maiores que vacas, tenho medo é da noite sem rumo. Como vou conseguir encontrar você no escuro, eu me pergunto? Agora pelo menos tem um caminho. Eu tenho ordens. Está arranjado. Vou ver sua boca e passar os meus dedos por ela. Você vai apoiar o queixo no meu cabelo outra vez enquanto eu respiro no seu ombro, para dentro e para fora, para dentro e para fora. Estou contente porque o mundo está se abrindo para nós, mas a novidade do mundo me faz tremer. Para chegar até você preciso ir embora do único lar, das únicas pessoas que conheço. Lina diz pelo estado dos meus dentes que tenho quem sabe sete ou oito anos quando sou trazida para cá. A gente cozinha ameixas silvestres para fazer geleia e bolo oito vezes desde esse tempo, então devo estar com dezesseis anos. Antes deste lugar eu passava a vida colhendo quiabo e varrendo barracão de fumo, as noites no chão da cozinha com *a minha mãe*. Nós somos batizadas e eu posso ter felicidade quando esta vida acabar. O reverendo padre diz isso para a gente. Uma vez a cada sete dias a gente aprende a ler e escrever. É proibido

para nós sair da casa, então nós quatro nos escondemos perto do pântano. Minha mãe, eu, o filhinho dela e o reverendo padre. É proibido fazer isso, mas ele ensina a gente mesmo assim vigiando por causa dos malvados virginianos e protestantes que querem pegar ele. Se pegarem, ele vai para a prisão ou paga dinheiro, ou as duas coisas. Ele tem dois livros e uma lousa. Nós temos varetas para riscar na areia, pedrinhas para formar palavras na parte lisa da pedra. Quando as letras estão na memória a gente forma palavras inteiras. Eu sou mais rápida que minha mãe, e o filhinho bebê dela não é nada bom. Muito depressa eu consigo escrever de memória o Credo nicênico, inclusive as vírgulas todas. Confissão a gente fala, não escreve como estou fazendo agora. Esqueço quase tudo até agora. Eu gosto de falar. Lina fala, pedra fala, até Sorrow fala. O melhor de tudo é a sua fala. No começo quando sou trazida para cá eu não falo palavra nenhuma. Tudo que escuto é diferente do que as palavras dizem para a minha mãe e eu. As palavras de Lina não dizem nada que eu saiba. Nem as da Patroa. Devagar tem um pouco de fala na minha boca e não na pedra. Lina diz que o lugar da minha fala na pedra é a Terra de Mary onde o Patrão faz negócio. Então lá é onde minha mãe e o bebezinho dela estão enterrados. Ou vão estar se um dia resolverem descansar. Dormir no chão da cozinha com eles não é tão bom como dormir no trenó quebrado com Lina. No tempo frio a gente põe pranchas em volta da nossa parte do estábulo e se abraça debaixo dos couros. Não dá para sentir o cheiro do esturme de vaca porque está congelado e a gente afundada nas peles. No verão se os mosquitos atacam nossas redes Lina faz com galhos um lugar fresco para dormir. Você não gosta de rede e prefere o chão mesmo na chuva quando o Patrão te oferece o depósito. Sorrow não dorme mais perto da lareira. Os homens que ajudam você, Will e Scully, nunca passam a noite aqui porque o patrão deles não deixa. Você lembra deles, que eles não aceitavam or-

dem sua até o Patrão obrigar? Ele podia fazer isso porque eles são permuta com a terra arrendada pelo Patrão. Lina diz que o Patrão tem um jeito esperto de receber sem dar. Sei que é verdade porque vejo isso para todo o sempre. Ele olhando, minha mãe escutando, o bebê dela no quadril. O *Senhor* não vai pagar a quantia toda que deve para o Patrão. O Patrão dizendo que aceita então a mulher e a menina, não o bebê menino, e a dívida acaba. A minha mãe implora que não. O bebê ainda é de peito. Leve a menina, ela diz, minha filha, ela diz. Eu. Eu. O Patrão aceita e muda quanto é devido. Assim que a folha de tabaco está pendurada para secar, o reverendo padre me leva numa balsa, depois num brigue, depois num barco e me acomoda no meio das caixas de livros e comida dele. No segundo dia o frio é de doer e eu fico contente de ter um manto mesmo que fino. O reverendo padre pede licença para ir não sei onde no barco e fala para eu ficar bem onde estou. Vem uma mulher e me manda levantar. Eu levanto e ela tira o manto do meu ombro. Depois meus tamancos. Ela vai embora. O reverendo padre fica vermelho-claro quando volta e vê o que acontece. Ele corre por todo lado perguntando onde e quem, mas não consegue resposta nenhuma. Afinal pega uns trapos, pedaços de vela largados por ali e enrola nos meus pés. Agora estou sabendo que ao contrário do que era com o *Senhor*, não gostam de padres aqui. Um marinheiro cospe no mar quando o reverendo padre pede ajuda. O reverendo padre é o único homem bom que eu já vi. Quando chego aqui acho que é o lugar que ele fala para evitar. O frio do inferno que vem antes do fogo eterno onde os pecadores borbulham e chamuscam para sempre. Mas o gelo é primeiro, ele diz. E quando eu vejo facas de gelo penduradas nas casas e nas árvores e sinto o ar branco queimar minha cara, tenho certeza que o fogo vem. Então Lina sorri quando olha para mim e me abraça para esquentar. A Patroa olha de lado. Sorrow também não fica contente de me ver. Ela

abana a mão na frente da cara como se tivesse abelhas incomodando. Ela é sempre estranha e Lina diz que ela vai ter criança de novo. O pai não se conhece e Sorrow não diz. Will e Scully riem e negam. Lina acha que é o Patrão. Diz que tem sua razão para achar isso. Quando pergunto que razão ela diz que ele é um homem. A Patroa não diz nada. Nem eu. Mas tenho uma preocupação. Não porque aumenta nosso trabalho, mas porque mãe dando de mamar para bebê esfomeado me dá medo. Sei como ficam os olhos delas quando elas escolhem. Como levantam os olhos para olhar duro para mim, dizendo alguma coisa que eu não consigo escutar. Dizendo alguma coisa importante para mim, mas segurando a mão do menininho.